

Estatuto gramatical do morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní)

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar uma descrição das construções causativas que utilizam o morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí). Em termos teóricos, acompanhando Pylkkänen (2002, 2008), pretendo demonstrar que o núcleo de vP_{CAUSE} seleciona um vP fásico como seu complemento. Serão apresentadas duas fortes evidências empíricas: (i) é possível que haja morfologia verbal entre o morfema causativo {-kar} e a raiz $\sqrt{\quad}$ (incluindo morfologia de aplicativo alto) e (ii) é possível que ocorra modificação adverbial orientada para agente interna ao evento causado.

Palavras-chave: Família linguística Tupí-Guaraní; Língua Tenetehára, Estrutural argumental; Morfologia causativa.

Abstract: This paper aims to present a description of causative constructions which involves the morpheme {-kar} in Tenetehára language (Tupí-Guaraní linguistic family, Tupí stock). In theoretical assumptions, according to Pylkkänen (2002, 2008), we pretend to demonstrate the head of vP_{CAUSE} select a phasic vP as your complement. We show two strong empirical evidences: (i) it is possible verbal morphology between the causative morpheme {-kar} and the $\sqrt{\text{root}}$ (including high applicative morphology) and (ii) it is possible agent oriented adverbial modification of caused event.

Keywords: Tupí-Guaraní linguistic family; Tenetehára language; Structural arguments; Causative morphology.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o processo de causativização na língua Tenetehára¹ (família Tupí-Guaraní, tronco Tupí) por meio do morfema {-kar}. Em termos descritivos, este

morfema causativiza predicados transitivos, introduzindo um terceiro argumento na estrutura argumental com a função sintática de sujeito e com a propriedade semântica de causador. Em termos teóricos, será apresentado um conjunto de diagnósticos morfossintáticos e semânticos a favor da hipótese de que este morfema instancia um núcleo de vP_{CAUSE} cujo complemento corresponde a um vP fásico. Esta proposta fundamenta-se essencialmente nos trabalhos de Chomsky (1995), Hale & Keyser (1993, 2002), Harley (1995, 2008), Kratzer (1994, 1996), Schäfer (2008), Blanco (2011) e, principalmente, Pylkkänen (2002, 2008).

Este trabalho está dividido em 5 seções. Na seção 1, apresento o objetivo deste artigo que consiste na descrição da causativização em Tenetehára e na análise do estatuto gramatical do morfema $\{-kar\}$. Na seção 2, introduzo os pressupostos básicos presentes em Pylkkänen (2002, 2008) a fim de implementar a análise teórica. Na seção 3, descrevo o processo de causativização em Tenetehára. Na seção 4, faço a análise do estatuto gramatical do morfema causativo $\{-kar\}$. Por fim, na seção 5, encerro com as considerações finais.

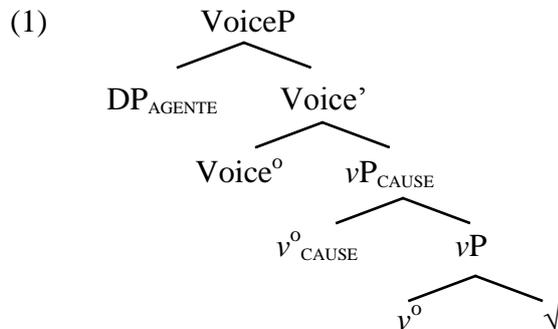
2. Quadro teórico

O propósito desta seção é apresentar alguns desdobramentos mais recentes da Teoria Gerativa a fim de fundamentar a proposta teoria acerca do morfema causativo $\{-kar\}$. Mais precisamente, adoto a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual o núcleo causativo nas línguas naturais pode variar parametricamente: (i) os núcleos Voice^0 e v^0_{CAUSE} podem se realizar em um núcleo sincrético ou em dois núcleos distintos e (ii) o núcleo v^0_{CAUSE} pode selecionar um complemento que seja uma raiz $\sqrt{\quad}$, um vP ou um vP fásico.

2.1. Parâmetro: Agregação de VoiceP

Com o intuito de aperfeiçoar a proposta de Kratzer (1994, 1996), Pylkkänen (2002, 2008), acompanhando Parsons (1990), propõe que todas as construções causativas, além de

possuírem um núcleo Voice^0 , devem necessariamente envolver um núcleo v^0_{CAUSE} , cuja função principal é relacionar o evento da causação com o evento causado². Para isso, Pylkkänen (2002, 2008) dissocia o núcleo v^0_{CAUSE} do núcleo Voice^0 , conforme a estrutura a seguir:



Uma das evidências empíricas que permitiu que Pylkkänen (2002, 2008) propusesse tal mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês e o finlandês, por exemplo, aceitarem causativizações sem que um argumento externo agente seja necessariamente introduzido no evento. Neste sentido, em finlandês, é possível que um morfema causativo seja adicionado a verbos inergativos, conforme os exemplos³ em (2), e nenhum argumento externo causador seja introduzido. O resultado é uma construção causativa com um argumento partitivo e um significado desiderativo. Apesar de a leitura causativa não ser clara, Pylkkänen (2002, 2008) assume que essas construções envolvem um significado causativo. Logo, há uma semântica causativa sem a introdução de argumento externo.

(2a) *Maija-a laula-tta-a*
 Maija-PART cantar-CAUS-3.SG
 “Maija sente vontade de cantar” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

(2b) *Maija-a naura-tta-a*
 Maija-PART sorrir-CAUS-3.SG
 “Maija sente vontade de sorrir” (PYLKKÄNEN, 2002, p. 86)

Pylkkänen (2002, 2008) afirma que o DP partitivo em (2) não é argumento externo, uma vez que o caso partitivo emerge em DPs na função de objeto em construções atéticas. De fato, as construções desiderativas de (2) são estativas. Assim, os DPs partitivos acima são sujeitos derivados de verbos estativos. Logo, não poderiam ser argumentos externos de um núcleo lexical.

Schäfer (2008), por sua vez, afirma que as construções desiderativas com causativo em finlandês permitem que o evento da causação possa ser interrogado, como em (3). No entanto, na construção desiderativa padrão, o evento da causação não pode ser interrogado (já que não há uma leitura causativa), de acordo com o exemplo (4).

(3) *minu-a naura-tta-a mutt-en tiedä mikä*
 eu-PART sorrir-CAUS-3.SG mas-não.1.SG saber o.que.NOM
 “Algo me faz sentir vontade de sorrir, mas eu não sei o quê” (SCHÄFER, 2008, p. 63)

(4) * *halua-isi-n nauraa mutt-en tiedä mikä*
 querer-COND-1.SG sorrir mas-não.1.SG saber o.que.NOM
 “Gostaria de sorrir, mas não sei o que (me faz querer sorrir)” (SCHÄFER, 2008, p. 63)

Com base nos exemplos (3) e (4), Schäfer (2008) afirma que as causativas desiderativas em finlandês tem um argumento implícito que é ausente na sentença desiderativa padrão. Este argumento implícito é um evento e não é um argumento externo.

A fim de apresentar mais um argumento robusto a favor da cisão proposta por Pylkkänen (2002, 2008), veja que, de acordo com Soares (2010), a língua Ticuna⁴ também pertence ao conjunto das línguas que projeta de forma cindida os núcleos VoiceP e νP_{CAUSE} . Conforme a autora, o fato de o morfema causativo {-ẽ'ẽ} em Ticuna sempre selecionar como complemento uma raiz da qual não é separado por uma morfologia verbalizante faz com que esse morfema seja capaz de criar expressões idiomáticas. Nessas construções, conforme Soares (2010), é possível que o morfema causativo determine algumas nuances de

significado, sem que o argumento externo agente exerça qualquer influência, conforme os exemplos apresentados a seguir:

- (5) *ngiã ta-wüica-ẽ'ẽ-gü*
EXORT 1.PL-caçar.com.espingarda-CAUS-PL
“Vamos arranjar um parceiro (homem/mulher)” (SOARES, 2010, p. 222)
- (6) *paa yi-gü ta-woma-ẽ'ẽ-gü*
IMP 1.PL-REFL 1.PL-enganar-CAUS-PL
“Vamos comer” (SOARES, 2010, p. 222)

Note que, no exemplo (5), o resultado da causativização do verbo *wüica* ‘caçar com a espingarda’, por meio da sufixação do morfema causativo {-ẽ'ẽ}, não significa ‘fazer caçar com a espingarda’, mas sim ‘arranjar um parceiro’. Paralelamente a esse exemplo, veja que, em (6), quando o verbo *woma* ‘enganar’ recebe o morfema causativo {-ẽ'ẽ}, o resultado não é ‘fazer enganar’, mas sim ‘comer’.

A afixação do morfema causativo, conforme os exemplos acima, não tem como resultado a causativização propriamente dita, mas a formação de expressões idiomáticas. Vale lembrar que, de acordo com Marantz (1984), argumentos externos são argumentos de predicados e não de verbos. Ademais, eles não contribuem em nada para a leitura idiomática. Se isso for verdade, as expressões idiomáticas em (5) e (6) são o produto da projeção vP_{CAUSE} , cujo núcleo é instanciado por {-ẽ'ẽ}, e não o resultado da projeção de VoiceP.

2.2. Parâmetro: Seleção categorial de v^0_{CAUSE}

Pylkkänen (2002, 2008) assume que, dependendo do parâmetro de cada língua, o núcleo v^0_{CAUSE} pode c-selecionar, pelo menos, três tipos de complementos, conforme as alíneas apresentadas em (7a-c).

- (7) PARÂMETRO: C-SELEÇÃO DO COMPLEMENTO DE v°_{CAUSE}
- a. SELEÇÃO DE RAIZ
 vP_{CAUSE} seleciona uma raiz acategorial (i.e. \sqrt{P}).
 - b. SELEÇÃO DE VERBO
 vP_{CAUSE} seleciona um sintagma verbal sem argumento externo (i.e. vP).
 - c. SELEÇÃO DE FASE
 vP_{CAUSE} seleciona um vP fásico (i.e. uma fase é uma estrutura que deve hospedar um argumento externo ou um argumento aplicado alto).

Pylkkänen (2002, 2008) propõe as seleções paramétricas em (7) com base em um conjunto de diagnósticos morfológicos e sintáticos, os quais estão reproduzidos no quadro 1.

QUADRO 1

Diagnósticos que predizem os complementos de v°_{CAUSE}

DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE RAIZ $\sqrt{}$	SELEÇÃO DE vP	SELEÇÃO DE vP FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de v°_{CAUSE} ?	Não	Sim	Sim
b. Permite morfologia verbal entre v°_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{}$?	Não	Sim	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de v°_{CAUSE} ?	Não	Não	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre v°_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{}$?	Não	Não	Sim

Fonte: PYLKKÄNEN, 2002, p. 96

Na próxima seção, apresento descritivamente o processo morfológico de causativização por meio do prefixo $\{-kar\}$. Estes dados são necessários para fundamentar a proposta teórica, a qual será apresentada na seção subsequente.

3. Apresentação dos dados

Em termos descritivos, o sufixo {-kar} tem a propriedade de causativizar verbos transitivos, acrescentando um terceiro argumento à estrutura argumental. Veja no quadro 2 a mudança sintática que os argumentos sofrem ao longo desse processo de causativização.

QUADRO 2

Funções dos DPs na causativização de verbos transitivos⁵

FUNÇÃO DO DP NO VERBO TRANSITIVO	FUNÇÃO DO DP NO VERBO BITRANSITIVO CAUSATIVIZADO
A _{AGENTE/EXPERIENCIADOR} O	A _{AGENTE (CAUSADOR)} DAT _{AGENTE-AFETADO (CAUSADO)} O

Observe que o DP que ocupa a posição de sujeito (A) do verbo transitivo inicial passa a receber uma posposição (DAT) no verbo bitransitivo, ao passo que um novo DP é inserido na posição de sujeito (A) do predicado causativizado. O objeto direto (O) do verbo transitivo mantém sua função sintática inalterada após a causativização. Com base no trabalho de Comrie (1981), o novo sujeito (A) e o argumento (DAT) recebem as denominações de *causer* ‘causador’ e *causee* ‘causado’, respectivamente.

De acordo com Dixon (1979), os verbos transitivos são aqueles que projetam dois argumentos nucleares⁶. Em termos semânticos, na língua em análise, a adição do morfema causativo {-kar} a radicais transitivos deriva formas com a significação “fazer X”, “mandar X” ou “pedir X”, conforme o seguinte exemplo:

- (8a) *w-exak* *kwarer* *zawar* *a'e*⁷
 3-ver menino cachorro ele
 “O menino viu o cachorro”

- (8b) *w-exak-kar* *awa* *zawar* *kwarer* \emptyset -*pe* *a'e*
 3-ver-CAUS homem cachorro menino C-por ele
 “O homem fez o menino ver o cachorro”

Note que, no exemplo (8a), o verbo transitivo *exak* ‘ver’ projeta o DP *kwarer* ‘o menino’ na função de sujeito e o DP *zawar* ‘o cachorro’ na posição de objeto. Após a causativização por meio de {-kar}, em (8b), o sujeito inicial passa a receber a posposição *pe* ‘por’ e o DP *awa* ‘o homem’ é inserido na função de sujeito. O objeto, por sua vez, mantém sua função inalterada, como foi mostrado esquematicamente no quadro 2. Observe outro exemplo abaixo em que o morfema {-kar} causativiza um verbo inicialmente já causativizado pelo morfema {mu-}. O resultado é uma dupla causativização.

- (9a) *u-mu-zahak* *kuzà* *kwarer* *a'e*
 3-CAUS-banhar mulher menino ela
 “A mulher deu banho no menino”

- (9b) *u-mu-zahak-kar* *awa* *kwarer* *kuzà* \emptyset -*pe* *a'e*
 3-CAUS-banhar-CAUS homem menino mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher dar banho o menino”

Observe que no exemplo acima o sujeito inicial, o DP *kuzà* ‘a mulher’, passa a receber a posposição *pe* ‘por’, após a causativização. O DP *awa* ‘o homem’ é inserido na função de sujeito. O DP objeto *kwarer* ‘o menino’, por fim, mantém sua função inalterada. Note que o morfema {-kar} introduz um evento da causação, o qual desencadeia indiretamente o evento causado. Mais precisamente, este tipo de processo se refere a situação em que as ações do causador tem um impacto não imediato sobre as ações do participante causado. Este tipo de causativização é denominado por Whaley (1997) como causação indireta⁸, porque o causador desencadeia o evento causado apenas indiretamente. Assim a realização deste evento só é alcançada pela intermediação de um agente-afetado (o *causee*).

4. Estatuto do morfema causativo {-kar}

Nesta seção, busco motivar a proposta de que o núcleo v°_{CAUSE} , quando vem realizado por meio do sufixo causativo {-kar}, deve selecionar $v\text{Ps}$ fásicos como complemento. Pode-se afirmar que uma das principais propriedades de $v\text{Ps}$ fásicos é o fato de se constituírem de uma estrutura argumental completa, da seguinte forma: (i) incluindo um núcleo Appl° , o qual introduz um argumento aplicado alto; ou (ii) contendo um núcleo Voice° , o qual é responsável por licenciar o argumento externo agente, conforme a estrutura abstrata abaixo:

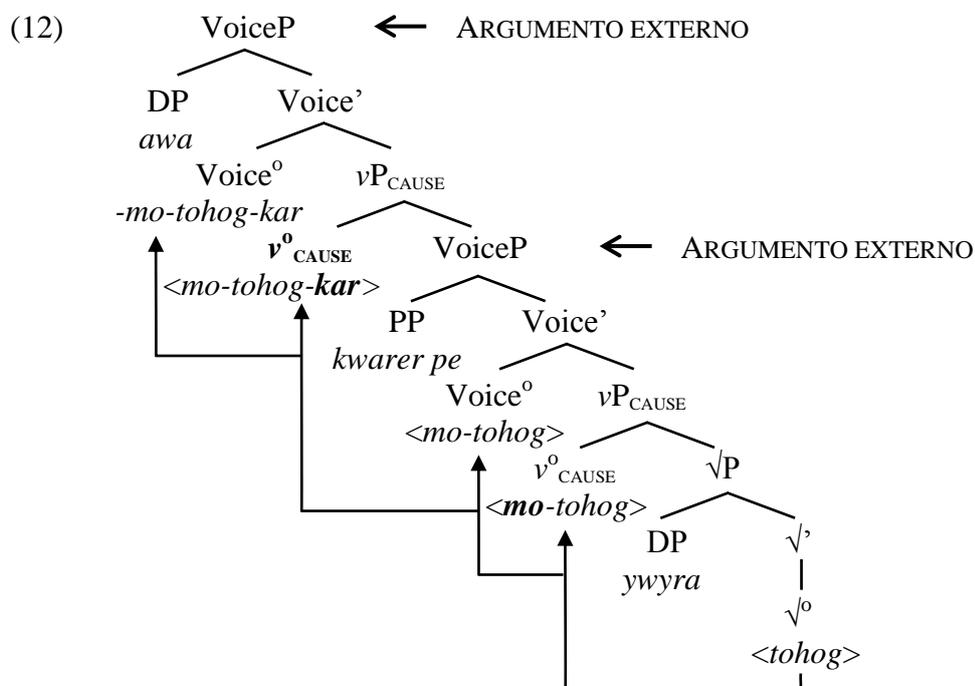


Veja que, na configuração acima, o morfema {-kar} seleciona como complemento uma estrutura que engloba um verbo transitivo causativo⁹. Além do mais, o evento causado é composto por uma estrutura que instancia, além do morfema causativo {mu-}, a projeção **VoiceP**, cuja função é introduzir um argumento externo agente (causador). De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), estruturas deste tipo correspondem a um $v\text{P}$ fásico por causa da projeção de argumento externo por meio de **VoiceP**. A estrutura em (10) fica particularmente representada pela causativização do verbo causativo no exemplo (11).

(11a) *o-mo-tohog* *kwarer* *ywyra* *a'e*
 3-CAUS-balançar menino árvore ele
 “O menino balançou a árvore”

(11b) *o-mo-tohog-kar* *awa* *ywyra* *kwarer* *ø-pe* *a'e*
 3-CAUS-balançar-CAUS homem árvore menino C-por ele
 “O homem fez o menino balançar a árvore”

Note que, no exemplo (11a), o verbo transitivo causativo *mo-tohog* ‘balançar’ seleciona o DP argumento externo *kwarer* ‘o menino’, na função sintática de sujeito, e o DP argumento interno *ywyra* ‘a árvore’, na função de objeto. Veja que o DP sujeito em (11a) recebe a propriedade semântica de agente (causador). Contudo, após receber o morfema causativo {-kar} em (11b), o sujeito original passa a receber a função semântica de agente-afetado e o verbo transitivo passa a projetar três argumentos. A derivação da causativização do exemplo em (11b) pode ser vista na estrutura em (12) abaixo.



Observe que dois galhos de VoiceP são projetados. O VoiceP mais baixo introduz o argumento externo *kwarer* ‘o menino’ com a propriedade semântica de agente-afetado (*causee*). Este argumento recebe a posposição *pe* ‘por’ como uma operação de Último Recurso, nos termos de Chomsky (1991). O objetivo dessa posposição é (i) garantir que a derivação atenda às condições do Princípio de Interpretação Plena¹⁰ e (ii) permitir que esse DP receba Caso abstrato ao longo da derivação sintática. O núcleo de VoiceP mais alto, por sua vez, introduz o argumento externo *awa* ‘o homem’, que exerce a função semântica de agente (causador).

A hipótese de que o núcleo v^o_{CAUSE} , quando é instanciado pelo morfema $\{-kar\}$, seleciona sempre um vP fásico se sustenta basicamente nos diagnósticos apresentados no quadro a seguir, os quais foram adaptados a partir dos trabalhos de Pykkänen (2002, 2008), Schäfer (2008) e Blanco (2011).

QUADRO 3

Diagnósticos para causativos que selecionam um vP fásico

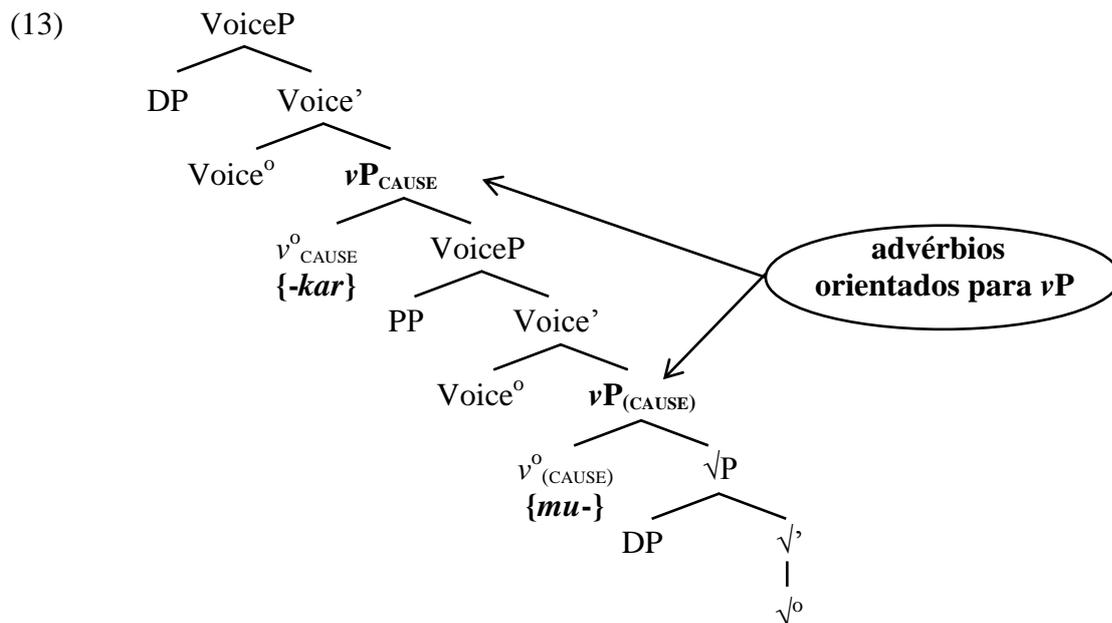
DIAGNÓSTICOS	SELEÇÃO DE vP FÁSICO
a. Permite modificação adverbial de vP abaixo de v^o_{CAUSE} ?	Sim
b. Permite morfologia verbal intervindo entre v^o_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{}$?	Sim
c. Permite modificação adverbial orientada para agente abaixo de v^o_{CAUSE} ?	Sim
d. Permite morfologia de aplicativo alto entre v^o_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{}$?	Sim
e. Permite causativização de inergativos e transitivos?	Sim

Fonte: adaptado de PYLKKÄNEN, 2002, 2008; SCHÄFER, 2008; BLANCO, 2011

Começo com o primeiro teste, o qual mostra que a causação com o morfema $\{-kar\}$ permite modificação adverbial de vP abaixo de v^o_{CAUSE} .

4.1. Modificação de νP abaixo de ν^0_{CAUSE}

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), a modificação de evento causado por meio de advérbios orientados para νP só é possível quando o complemento de ν^0_{CAUSE} for um νP ou um νP fásico. A estrutura sintática abaixo ilustra a última ocorrência, a qual é a configuração que proponho para o Tenetehára:



Uma vez que o núcleo ν^0_{CAUSE} o qual é instanciado pelo morfema causativo $\{-kar\}$ seleciona um νP fásico como seu complemento, é possível que haja advérbios modificadores de νP com escopo abaixo de ν^0_{CAUSE} . As próximas subseções discutem em detalhe esse contexto. Começemos então com advérbios de modo.

4.1.1. Advérbio de modo

Os advérbios de modo só têm escopo sobre νPs , com ou sem argumento externo. Assim, observe que, no exemplo (14), o advérbio *meweharupi*¹¹ ‘lentamente’ pode ter escopo

sobre o evento introduzido por {-kar}, conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, conforme a interpretação (ii).

- (14) *meweharupi* *u-mihir-kar* *kuzà* *ka'i* *awa* \emptyset -*pe* *a'e*
lentamente 3-assar-CAUS mulher macaco homem C-por ela
(i) “A mulher FEZ LENTAMENTE o homem assar o macaco”
(ii) “A mulher fez o homem ASSAR LENTAMENTE o macaco”

Note que a ambiguidade acima decorre do fato de o morfema causativo {-kar} selecionar como complemento um vP fásico. Logo, é totalmente possível que um advérbio de modo possa ter escopo sobre o vP mais alto ou sobre o vP baixo.

Mais precisamente, na interpretação (i), o evento desencadeado pela mulher deve ser executado de forma lenta. A mulher, por exemplo, pode executar lentamente uma ação que cause o homem assar o macaco. Nesta situação, o homem pode inclusive executar a ação de modo rápido.

Por sua vez, na interpretação (ii), o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’, por ter escopo sobre o evento causado, não faz referência ao evento da causação desencadeado pela mulher (i.e. o núcleo de vP_{CAUSE} mais alto na estrutura arbórea não recebe modificação adverbial). O fato de o advérbio ter um escopo baixo mostra que o morfema {-kar} seleciona como complemento uma estrutura que contém apenas uma projeção de vP. Mostro, a seguir, a aplicação desse mesmo diagnóstico com os advérbios de lugar.

4.1.2. Advérbio de lugar

Assim como os advérbios de modo, os advérbios de lugar também não têm escopo sobre a raiz $\sqrt{\quad}$, mas sim sobre vPs. No exemplo (15), o advérbio *tàpuz izywyr* ‘ao redor da casa (i.e. no quintal)’ deve ter escopo sobre o evento introduzido por {-kar}, conforme a interpretação (i), ou sobre o evento causado, segundo a interpretação (ii).

- (15) *u-mihir-kar* *awa* *ka'i* *kuzà* *ø-pe* *tàpuz* *ø-izywyr* *a'e*
 3-assar-CAUS homem macaco mulher C-por casa C-ao.redor ele
 (i) “O homem, no quintal, fez a mulher assar o macaco”
 (ii) “O homem fez a mulher assar, no quintal, o macaco”

A ambiguidade em (15) mostra que há duas posições sintáticas capazes de receber a adjunção do sintagma adverbial de lugar *tàpuz izywyr* ‘no quintal’. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento da causação, introduzido pelo morfema causativo {-kar}, a ação do agente (causador), o DP *awa* ‘o homem’, é modificada. Quando o advérbio tem escopo sobre o evento causado, a ação do DP *awa* ‘o homem’ não sofre qualquer modificação. Nesse sentido, o DP agente (causador) pode, inclusive, ter executado o evento da causação em lugar diferente daquele indicado pelo PP *tàpuz izywyr* ‘no quintal’.

O fato de as construções com o causativo {-kar} permitirem que os advérbios orientados para vP gerem estruturas sintaticamente ambíguas evidencia que há, pelo menos, dois vPs capazes de receber a adjunção do AdvP, a saber: (i) o vP_{CAUSE}, cujo núcleo é instanciado por {-kar} e (ii) o vP_(CAUSE) que pertence à estrutura do evento causado.

Na próxima seção, mostro que o processo de causativização com o morfema {-kar} permite morfologia verbal entre o núcleo v^o_{CAUSE} e a raiz √.

4.2. Morfologia verbal entre v^o_{CAUSE} e a raiz √

De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), nas línguas em que v^o_{CAUSE} seleciona como complemento um vP fásico, não pode haver restrições quanto à ocorrência de morfologias verbais entre o causativo e a raiz √. De fato, o morfema {-kar} permite sim morfologia verbal intervindo entre v^o_{CAUSE} e a raiz √. Tal evidência indica que o morfema {-kar} não pode selecionar como complemento uma raiz √. Veja os exemplos abaixo:

- (16a) *u-petek* *awa* *zawar* *a'e*
 3-bater homem cachorro ele
 “O homem bateu no cachorro”
- (16b) *u-petek-kar* *kuzà* *zawar* *awa* \emptyset -*pe* *a'e*
 3-bater-CAUS mulher cachorro homem C-por ela
 “A mulher fez o homem bater no cachorro”
- (16c) *u-petek-wi-kar* *kuzà* *zawar* *awa* \emptyset -*pe* *a'e*
 3-bater-ASPEC-CAUS mulher cachorro homem C-por ela
 “A mulher fez o homem bater novamente no cachorro”

Observe que, em (16c), há o morfema de aspecto iterativo {-*wi*} intervindo entre o causativo {-*kar*} e a raiz *petek* ‘bater’. Adicionalmente, outros morfemas aspectuais, tais como intensivo {-*ahy*} e {-*katu*}, iterativo {-*wiwi*} e paucal {-*wewer*}, podem ainda intervir entre v^0_{CAUSE} e a raiz \surd , conforme o paradigma abaixo:

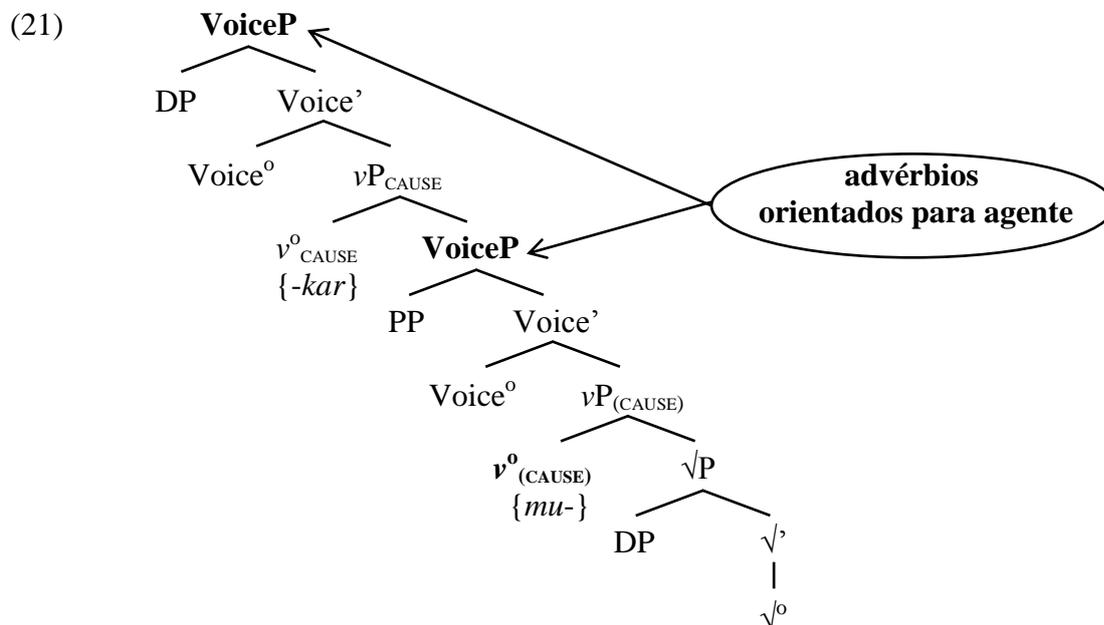
- | | |
|--|--|
| <p>(17) <i>u-petek-ahy-kar</i>
 3-bater-ASPEC-CAUS
 “Ele fez alguém BATER COM FORÇA”</p> | <p>(19) <i>u-petek-wiwi-kar</i>
 3-bater-ASPEC-CAUS
 “Ele fez alguém BATER VÁRIAS VEZES”</p> |
| <p>(18) <i>u-petek-katu-kar</i>
 3-bater-ASPEC-CAUS
 “Ele fez alguém BATER BEM”</p> | <p>(20) <i>u-petek-wewe(r)-kar</i>
 3-bater-ASPEC-CAUS
 “Ele fez alguém BATER POUCO”</p> |

Na seção seguinte, demonstro que o causativo {-*kar*} permite que advérbios orientados para agente tenham escopo abaixo do núcleo v^0_{CAUSE} .

4.3. Modificação orientada para agente abaixo de v^0_{CAUSE}

Para Pylkkänen (2002, 2008), um dos diagnósticos mais robustos, que é capaz de indicar que o núcleo v^0_{CAUSE} seleciona um $v\text{P}$ fásico como complemento, baseia-se na possibilidade de modificação de evento causado por meio de advérbios agentivos.

Configurações desse tipo permitem uma leitura ambígua, já que há duas posições sintáticas capazes de receber modificadores orientados para agente, conforme a configuração abaixo:



Para fins de ilustração, note que, no exemplo (22), o advérbio *hameteharomo*¹² ‘com dedicação’, o qual é orientado para DPs na função semântica de agente, pode ter escopo orientado tanto para o agente (causador) mais alto quanto para o argumento agente-afetado o qual pertence ao evento causado.

- (22) *u-mu-zahak-kar* *awa* *kwarer* *kuzà* *ø-pe* *hameteharomo* *a'e*
 3-CAUS-banhar.se-CAUS homem menino mulher C-por com.dedicação ele
 (i) “O homem, com dedicação, fez a mulher banhar o menino”
 (ii) “O homem fez a mulher, com dedicação, banhar o menino”

Por razão puramente sintática, como pode ser notado, o exemplo (22) é ambíguo, uma vez que o advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’ pode se adjungir a duas posições sintáticas, conforme a estrutura em (21). Tal ambiguidade desencadeia duas possíveis interpretações. Na interpretação (i), o advérbio orientado para agente tem escopo sobre o

argumento externo introduzido acima do núcleo v°_{CAUSE} que hospeda o morfema $\{-kar\}$. Na interpretação (ii), o argumento externo gerado dentro do evento causado recebe o escopo do advérbio agentivo.

Observe que o exemplo acima sustenta a hipótese de que o núcleo v°_{CAUSE} , quando é instanciado pelo morfema $\{-kar\}$, seleciona como complemento um vP fásico, uma vez que o evento causado contém um argumento externo agente.

Na próxima seção, implemento o diagnóstico de Pylkkänen (2002, 2008) acerca da interveniência de morfologia de aplicativo alto entre o núcleo causativo $\{-kar\}$ e a raiz $\sqrt{\quad}$.

4.4. Morfologia de aplicativo alto entre v°_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{\quad}$

Para Pylkkänen (2002, 2008), línguas que possuem um núcleo v°_{CAUSE} , o qual seleciona uma raiz $\sqrt{\quad}$ ou um vP , não permitem a realização morfológica de um núcleo aplicativo alto entre o núcleo v°_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{\quad}$. Contudo, línguas que possuem um núcleo v°_{CAUSE} capaz de selecionar vP fásico permitem essa interveniência. Isto fica particularmente evidente com os exemplos abaixo.

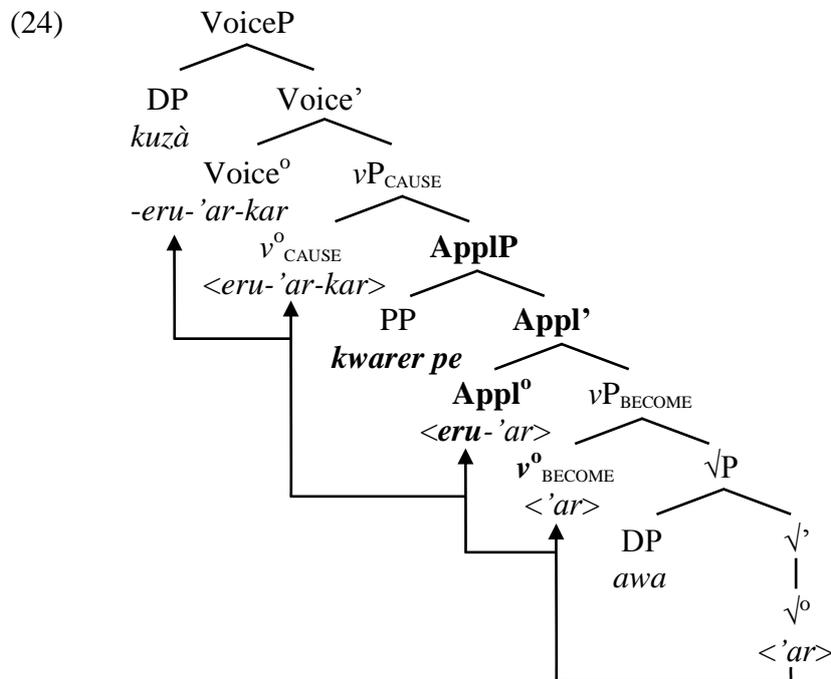
(23a) *u- 'ar* *awa* *a'e*
 3-cair homem ele
 “O homem caiu”

(23b) *w-eru- 'ar* *awa* *kwarer* *a'e*
 3-APPL-cair homem menino ele
 “O homem caiu com o menino”

(23c) *w-eru- 'ar-kar* *kuzà* *awa* *kwarer* \emptyset -*pe* *a'e*
 3-APPL-cair-CAUS mulher homem menino C-por ela
 “A mulher fez o homem cair com o menino”

Conforme os exemplos em (23), note que o verbo *'ar* ‘cair’, após receber a morfologia de aplicativo alto $\{eru-\}$ ¹³, pode ser causativizado por meio do morfema $\{-kar\}$. A fim de

explicitar a interveniência¹⁴ do aplicativo {*eru-*} entre v^0_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{\text{ }}$ do exemplo (23c) considere a estrutura a seguir:



A partir do exemplo acima, note que o aplicativo pode intervir entre v^0_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{\text{ }}$ apenas em contexto cujo morfema {-kar} seja a realização de v^0_{CAUSE} . Veja ainda esquematicamente abaixo o paradigma de derivação dos morfemas discutidos nesta subseção:

(25a)	- 'ar-	“cair”	VERBO
(25b)	*- 'ar-kar	“fazer cair”	VERBO-CAUS
(25c)	-eru- 'ar-	“cair com”	APPL-VERBO
(25d)	-eru- 'ar-kar	“fazer [cair com]”	APPL-VERBO-CAUS

Observe que o exemplo (25b) é agramatical porque a raiz 'ar 'cair' é incapaz de receber o causativo {-kar}, sem que receba antes o morfema aplicativo {*eru-*}. Esse fato demonstra que o morfema causativo {-kar} pode selecionar como complemento uma estrutura que contém um argumento aplicado alto, conforme a estrutura configuracional em (24).

Na seção seguinte, mostro que verbos transitivos e inergativos podem ser causativizados por meio do morfema {-kar}.

4.5. Causativização de verbos transitivos e inergativos

O morfema causativo {-kar} é capaz de afixar-se a bases que sejam estruturalmente transitivas (i.e. uma estrutura que instancia um argumento externo). Isto fica particularmente assentado, por exemplo, pelo fato de o verbo transitivo *zuka* ‘matar’ poder coocorrer com o sufixo causativo {-kar}, fazendo com que o evento descrito em (26a) passe a ser reinterpretado como evento causado em (26b). Compare os exemplos abaixo:

(26a) *u-zuka* *kuzà* *zapukaz* *a'e*
 3-matar mulher galinha ela
 “A mulher matou a galinha”

(26b) *u-zuka-kar* *awa* *zapukaz* *kuzà* *∅-pe* *a'e*
 3-matar-CAUS homem galinha mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher matar a galinha”

Os verbos inergativos também permitem a causativização com o morfema {-kar}. Esta é, por exemplo, a situação do verbo *zegar* ‘cantar’, em (27b). Há, contudo, uma pequena diferença, não trivial, a qual reside no fato de que os verbos inerentemente inergativos, para que sejam causativizados, precisam antes receber prefixo causativo {*mu-*}. Mais precisamente, para que sejam causativizados por meio do sufixo {-kar}, os inergativos precisam antes se tornarem transitivos, conforme se nota pelos exemplos abaixo:

(27a) *u-zegar* *kwarer* *a'e*
 3-cantar menino ele
 “O menino cantou”

- (27b) *u-mu-zegar-kar* *awa* *kwarer* *a'e*
 3-CAUS-cantar-CAUS homem menino ele
 “O homem fez o menino cantar”
- (27c) *u-mu-zegar-kar* *awa* *kwarer* *kuzà* *ø-pe* *a'e*
 3-CAUS-cantar-CAUS homem menino mulher C-por ele
 “O homem fez a mulher fazer o menino cantar”

Caso o verbo *zegar* ‘cantar’ receba apenas um dos morfemas causativos, a sentença torna-se agramatical, conforme mostram os exemplos abaixo:

- (28a) **u-mu-zegar* *awa* *kwarer* *a'e*
 3-CAUS-cantar homem menino ele
- (28b) **u-zegar-kar* *awa* *kwarer* *a'e*
 3-cantar-CAUS homem menino ele

5. Considerações finais

Em termos descritivos, mostrei que o morfema {-kar} na língua Tenetehára tem a função de causativizar verbos transitivos. Este processo implementa as seguintes mudanças: (i) um novo argumento é introduzido na função sintática de sujeito com a propriedade semântica de agente; (ii) o sujeito da predicação não causativizada passa a receber uma posposição, ao passo que o objeto mantém sua função sintática inalterada. Com base em Whaley (1997), foi apresentado ainda que esse morfema proporciona uma causação indireta, já que as ações do agente causador exercem um impacto indireto sobre o evento causado.

Em termos teóricos, o objetivo deste artigo era demonstrar que o núcleo v^0_{CAUSE} , quando é instanciado pelo morfema {-kar}, c-seleciona como complemento um vP fásico (i.e. uma estrutura que introduz um argumento externo agente ou um argumento aplicado comitativo). Esta proposta foi fundamentada essencialmente no inventário de diagnósticos o qual foi

detalhadamente discutido na seção anterior. Repito a seguir a configuração estrutural proposta para o Tenetehára.



Referências

- Blanco, M. T. (2011). *Causatives in Minimalism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Chomsky, N. (1991). Some Notes on Economy of Derivation and Representation. In: Freidin, R. (Ed.). *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: The MIT Press. pp. 417-454.
- Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: The MIT Press.
- Comrie, B. (1981). *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dixon, R. M. W. (1979). Ergativity. *Language*, 55, 59-138.
- Hale, K & Keyser, S. J. (1993). On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: Hale, K. & Keyser, S. J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press.

- Hale, K. & Keyser, S. J. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: The MIT Press.
- Harley, H. B. (1995). *Subjects, events, and licensing*. Cambridge: The MIT Press.
- Harley, H. B. (2008). On the causative construction. In: Miyagawa, S. & Mamuro, S. (Ed.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. pp. 20-53.
- Harrison, C. (1986). Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: Derbyshire, D. C. & Pullum, G. K. (Ed.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 407-439.
- Kratzer, A. (1996). Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J & Zaring, L. (Ed.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Kratzer, A. (1994). *The Event Argument and the Semantics of Voice*. Amherst: University of Massachusetts.
- Marantz, A. (1984). *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: The MIT Press.
- Parsons, T. (1990). *Events in the Semantics of English: a study of subatomic semantics*. Cambridge: The MIT Press.
- Pylkkänen, L. (2002). *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press.
- Pylkkänen, L. (2008). *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press.
- Rodrigues, A. D. (2010). A Estrutura do Tupinambá. [1981]. In: Cabral, A. S. A. C. & Rodrigues, A. D. & Duarte, F. B. (Ed.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú.
- Rodrigues, A. D. (1953). Morfologia do verbo em Tupí. *Letras*, 1, 121-152.
- Rodrigues, A. D. (1985). Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28, 33-53.
- Schäfer, F. (2008). *The Syntax of (Anti-)Causatives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

Soares, M. F. (2010). Categorias funcionais e conhecimento enciclopédico ou sintaxe e significado no domínio verbal: noções aspectuais e expressão da causatividade em Ticuna. *Revista de Estudos da Linguagem*, 18 (1), 187-234.

Vieira, M. M. D. (2010). Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, 18 (1), 141-164.

Whaley, L. (1997). *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications.

¹ A língua Tenetehára é falada no nordeste do Brasil por dois povos indígenas: os Tembé e os Guajajára. De acordo com Rodrigues (1985), essa língua pertence ao Ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, do tronco Tupí.

² De acordo com Pylkkänen (2002, 2008), uma causação é, na verdade, uma relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o evento causador) e o evento causado. O evento da causação é um evento implícito, o qual é introduzido pelo núcleo de vP_{CAUSE}. Este núcleo tem a função de desencadear o evento causado. Este último, por sua vez, corresponde à contraparte não causativa do predicado causativizado. Pylkkänen (2002, p. 79) ilustra essa relação com o exemplo a seguir:

- (i) John melted the ice
- (ii) *John was an agent of some event that caused a melting of the ice*
- (iii) The ice melted

Se a causação é uma relação entre dois eventos, o significado da sentença (i) é grosseiramente o sentido em (ii). Note que a sentença causativa (i) tem duas características que não existem na contraparte não causativa em (iii), a saber: uma relação de causação relaciona o evento da causação em direção ao evento causado e uma relação temática de agente é estabelecida entre o evento da causação e o indivíduo expresso como argumento externo.

³ Abreviaturas utilizadas neste trabalho: 1: primeira pessoa; 2: segunda pessoa; 3: terceira pessoa; APPL: morfema aplicativo; ASPEC: aspecto; C: prefixo que marca a adjacência do complemento; CAUS: morfema causativo; COND: condicional; CORR: prefixo correferencial {w- ~ o- ~ u-}; DAT: Caso dativo; DIM: diminutivo; EXORT: exortativo; IMP: imperativo; NC: prefixo que marca a não adjacência do complemento; NEG: morfema de negação; NOM:

Caso nominativo; NOML: nominalizado; PART: Caso partitivo; PASS: morfema de passiva; PAST: morfema de tempo passado; PL: plural; PSP: posposição; REFL: prefixo reflexivo; SG: singular.

⁴ Conforme Soares (2010), Ticuna é uma língua tonal, geneticamente isolada e falada na Amazônia.

⁵ Adotei, neste trabalho, a terminologia proposta por Dixon (1979), a saber: o termo (A) refere-se ao sujeito de verbo transitivo, o termo (S) ao sujeito de verbo intransitivo (inacusativo e inergativo) e, por fim, o termo (O) ao objeto de verbo transitivo.

⁶ “All human languages classify actions into two basic types: those involving one obligatory participant, which are described by intransitive sentences, and those involving two obligatory participants, which are dealt with by transitive sentences” (DIXON, 1979, p. 102).

⁷ Em termos descritivos, na língua Tenetehára, os pronomes pessoais (*ihe* “eu”, *zane* “nós_{INCLUSIVO}”, *ure* “nós_{EXCLUSIVO}”, *ne* “tu”, *pe* “vós”, *a'e* “ele/ela”) podem ser introduzidos no final de cada sentença a fim de retomar o sujeito de verbos inergativos, inacusativos e transitivos das orações principais. Uma hipótese descritiva é assumir que esse pronome final tem a função de enfatizar o sujeito, conforme os exemplos a seguir:

- | | | | | | | |
|-------|--|-----------------|----------------|---------------------|------------------|-------------------|
| (i) | <i>a-zàn</i> | <i>zàwàruhu</i> | <i>ø-wi</i> | <i>i-hem</i> | <i>mehe</i> | <i>ihe</i> |
| | 1SG-correr | onça | C-de | 3-chegar | quando | eu |
| | “EU, corri da onça _k quando ela _k chegou” | | | | | |
| (ii) | <i>u-'ar</i> | <i>kwarer</i> | <i>he</i> | <i>ø-ku'a</i> | <i>ø-wi</i> | <i>a'e</i> |
| | 3-cair | menino | minha | C-cintura | C-de | ele |
| | “ELE _k , o menino _k caiu da minha cintura” | | | | | |
| (iii) | <i>u-zuka</i> | <i>kwarer</i> | <i>zapukaz</i> | <i>(a'e)</i> | <i>wà</i> | |
| | 3-matar | menino | galinha | ele | PL | |
| | “ELES _k , os meninos _k mataram a galinha” | | | | | |

Para mais detalhes, ver Harrison (1986). Trabalhos futuros deverão investigar a natureza sintática desses pronomes pessoais, em posição final, os quais correferenciam o sujeito da oração matriz.

⁸ “Therefore, it is important to recognize different causative types. The basic semantic distinction is between **direct causation** and **indirect causation**. As the names imply, direct causation refers to a situation in which the actions of the causer have immediate impact on the actions of the cause, and indirect causation refers to a situation in which the causation is further removed” (WHALEY, 1977, p. 194).

⁹ A notação $v^0_{(CAUSE)}$, na estrutura configuracional em (10), significa que o núcleo v^0 pode ser de natureza causativa ou não. No caso dos verbos transitivos causativos, tais como *zuka* ‘matar’, *zuhaw* ‘quebrar’ e *kixi* ‘cortar’, o núcleo v^0_{CAUSE} é projetado, mesmo que não seja preenchido fonologicamente com o morfema causativo {*mu-*}. No caso dos verbos transitivos não causativos, tais como *exak* ‘ver’, *kwaw* ‘conhecer’ e *putar* ‘desejar’, o

núcleo v°_{CAUSE} não é projetado, uma vez que esses verbos não pertencem à classe de verbos causativos. Na verdade, construções desse tipo instanciam o núcleo v° (não causativo).

¹⁰ De acordo com Chomsky (1995), o Princípio de Interpretação Plena requer que todo elemento da Forma Fonética e da Forma Lógica receba uma interpretação apropriada. Mais precisamente, esse princípio fornece o critério que legitima as representações da Forma Fonética e da Forma Lógica, que só convergem se puderem receber uma interpretação externa à sintaxe por meio de regras universais.

¹¹ O advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ possui a seguinte derivação morfológica:

- (i) *mewe-ha(w)* *r-upi*
 lento-NOML C-com
 “lentamente”

A fim de demonstrar que o advérbio *meweharupi* ‘lentamente’ de fato tem escopo sobre um vP , o qual não introduz argumento externo agente, veja que, no exemplo abaixo, o único argumento da predicação é o DP *ka’a* ‘folha’, o qual não é introduzido pelo núcleo de VoiceP, uma vez que não exerce a função semântica de agente.

- (i) *meweharupi* *u-’ar* *ka’a* *wà*
 lentamente 3-cair folha PL
 “‘As folhas caíram lentamente”

¹² O advérbio *hameteharomo* ‘com dedicação’ possui a seguinte derivação morfológica:

- (i) *hamete-ha(r)* *romo*
 verdade-NOML ASSOC
 “de verdade / com dedicação”

¹³ Vale ressaltar que o morfema prefixal {*eru-*}, denominado tradicionalmente na literatura descritiva das línguas Tupí-Guaraní como causativo comitativo (cf. RODRIGUES, 1953, 2010), recebeu o estatuto gramatical de morfema aplicativo alto inicialmente no trabalho de Vieira (2010).

¹⁴ Apesar de o aplicativo alto {*eru-*}, na ordem linear, não intervir entre a raiz verbal e o causativo {-*kar*}, estruturalmente esse aplicativo é projetado entre v°_{CAUSE} e a raiz $\sqrt{\quad}$. O principal argumento que sustenta essa análise se baseia no fato de que os verbos monovalentes *ata* ‘andar’ e *hem* ‘sair’ não podem receber o morfema causativo {-*kar*} sem que tenham recebido anteriormente o morfema aplicativo {*eru-*}. Se o morfema aplicativo não interviesse, seria possível que o morfema causativo {-*kar*} se afixasse diretamente a esses verbos monovalentes: derivação que não converge em Tenetehára.